

## RABISCOS DE UM ESCRIVINHADOR

( Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas ).

## 119. EDIÇÕES DA CARTA DE CAMINHA

É fato geralmente sabido que a famosa carta de Pero Vaz de Caminha comunicando ao rei de Portugal o “achamento” do Brasil, embora provavelmente a primeira notícia escrita sobre nosso País, está muito longe de ter sido a primeira a ser publicada. Com efeito, o precioso texto permaneceu inédito mais de trezentos anos, só vindo a público pela primeira vez em 1817, graças ao padre Manuel Aires do Casal, que a inseriu em nota de rodapé, às páginas 12 a 34 de sua importante **Corografia Brasílica**, editada naquele ano. Convém recordar o episódio: achava-se Aires do Casal na capital portuguesa cuidando da impressão de seu livro, quando o bibliotecário da Torre do Tombo chamou-lhe a atenção para a carta de Caminha, que apenas poucos anos antes havia sido descoberta. Não quis Aires do Casal perder a oportunidade de ser o primeiro a divulgar tão importante documento e o fez no próprio livro de cuja impressão então cuidava. Daí, o caráter apressado da publicação, o que explica os numerosos erros de cópia com que o texto saiu. Curioso ! Parece que o destino estava à espera de um brasileiro para divulgar a notícia do descobrimento de nossa terra, a “certidão de batismo do Brasil”, como a denominou Capistrano de Abreu e que tantos anos ( mais de trezentos ) permanecera praticamente perdida no grande arquivo português.

Embora com todos os seus defeitos de impressão, a edição Aires do Casal tornou-se referência para todas quantas se fizeram, até, 1922, do famoso documento. Sim, porque só por ocasião do centenário de nossa Independência ( mais precisamente em 1923 ) apareceu a primeira edição

correta e posta em linguagem atual da carta de Caminha, tarefa esta de que se desincumbiu magistralmente a eminente filóloga doutora Carolina de Michaelis e Vasconcelos. Seu trabalho integra o volume segundo da monumental **História da Colonização Portuguesa do Brasil**, extraordinária realização dirigida por Carlos Malheiro Dias e publicada em homenagem ao centenário do acontecimento magno de nossa História.

Desde então, o texto de Carolina de Michaelis tornou-se referência para todas as edições que posteriormente vieram a ser publicadas, tal como a edição de Aires do Casal servira de referência às edições anteriores. E são inúmeras as edições que da famosa carta existem. Leonardo Arroyo, em sua preciosa edição (Melhoramentos, 1978) arrola 109 edições integrais ou quase integrais do texto de Caminha. Destas, três merecem destaque pela abundância e riqueza dos comentários e pelo estudo diplomático do texto: a de Jaime Cortesão, de 1943; a de José Augusto Vaz Valente, de 1975; e a do próprio Leonardo Arroyo, já citado. ( 24-10-1984 )

\*

## 120. O DIA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Os leitores mais idosos, que já andam pelo menos pela casa dos sessenta, certamente se lembram de que até 1930, o dia 3 de Maio era feriado nacional, marcado a vermelho nas folhinhas, com paralização de todas as atividades e comemorações cívicas nas escolas. O feriado celebrava o descobrimento do Brasil. Para nós, meninos de escola, o mês de maio era uma delícia, com três feriados: primeiro, três e treze, este último recordando a abolição da escravatura. O governo provisório que ocupou o poder após a Revolução de 1930, entendendo que no Brasil havia feriados demais ( e havia mesmo ), cortou a metade deles.

Na nova ordem, maio ficou só com o Dia do Trabalho. O curioso, no caso, é que o dia 3 de maio, comemorativo do descobrimento do Brasil, também era feriado em Portugal, segundo me ensina um velho manual de instrução cívica adotada nas escolas portuguesas. No Brasil, vinha de longe a comemoração do 3 de maio: foi a data da instalação da Constituinte Imperial, de 1823, e tornou-se a data de abertura do ano parlamentar, com a clássica "fala do trono" do imperador. Era um dos dois

únicos dias do ano em que o Hino Nacional era tocado e cantado, ao contrário de hoje, quando ele é utilizado até para abrir jogo de futebol. O outro dia em que se executava o Hino era o 25 de março, data da Constituição.

Por que se comemorava a 3<sup>a</sup> de maio o descobrimento do Brasil, quando a carta de Pero Vaz de Caminha é tão clara ao indicar o dia 22 de abril ? A 3 de maio nem a armada de Cabral se encontrava mais no Brasil, pois no dia 2 seguira para a Índia, que era o seu destino. Não é difícil a explicação. A carta de Caminha, como é sabido, permaneceu desconhecida por mais de trezentos anos e ela é o único texto em que a data exata vem mencionada. Não se podendo, pois, conhecê-la, partiu-se, por dedução, para um hábito generalizado entre os navegadores portugueses e espanhóis: o de denominar os acidentes geográficos descobertos, de acordo com o calendário eclesiástico. É fácil acompanhar o roteiro das primeiras expedições exploradoras: dia 28 de agosto ( cabo de "Santo Agostinho"), dia 4 de outubro ( rio "São Francisco"), 1<sup>o</sup> de novembro ( baía de "Todos os Santos"), 1<sup>o</sup> de janeiro ( rio "de janeiro"); dia 6 de janeiro ( angra "dos Reis"); dia 20 de janeiro ( ilha de "São Sebastião"); dia 22 de janeiro (enseada de "São Vicente"); dia 29 de julho ( cabo de "Santa Marta"), e por aí afora, que seria longo e fastidioso a todos enumerar. Ora, tendo sido "Santa Cruz" o primeiro nome de nosso País, nada mais natural que se supusesse que seu descobrimento ocorresse precisamente no dia 3 de maio, em que a Igreja comemora a Santa Cruz. ( 21-11-1984 ).

\*

## 121. UM MISSIONÁRIO PRESBITERIANO

Recente jornal evangélico, de confissão presbiteriana, noticiando a diplomação de novos pastores, informou que a turma dos formandos recebera o nome de Fletcher: "Turma Fletcher", E, à guisa de informação, esclarecia que se tratava de uma homenagem ao rev. James Cooley Fletcher, "primeiro missionário presbiteriano a pisar em solo brasileiro, fazendo um trabalho de base para a chegada de Simonton, Blackford e outros". Merecida homenagem. Convém lembrar, contudo, que Fletcher não foi apenas missionário e agente de sociedades bíblicas encarregadas da propaganda, no Brasil, das Escrituras Sagradas.

Fletcher ligou seu nome, igualmente, à bibliografia brasileira, como co-autor ( juntamente com Daniel P. Kidder ) de um dos mais importantes livros de viajantes estrangeiros publicados no século passado:

**The Brazil and Brazilians**, editado pela primeira vez em Filadélfia, em 1857, e que foi, pode dizer-se, o livro sobre o Brasil mais divulgado nos Estados Unidos, alcançando numerosas edições. Todavia, só em 1941, mais de oitenta anos depois da edição original, é que foi traduzido no País de que o livro trata ( Coleção "Brasiliana", nº 205, em dois volumes, da Cia. Editora Nacional ). Costuma-se dizer que **O Brasil e os Brasileiros** é simples ampliação da obra do rev. Kidder, **Reminiscências de viagem e permanência no Brasil**, publicada em 1845. Não é bem assim. Fletcher, de fato aproveitou muito do que Kidder escrevera, mas, tendo vivido mais tempo no Brasil e tendo se relacionado com figuras expressivas da vida brasileira ( a começar pelo imperador ) pôde produzir um livro mais ameno na forma, ao mesmo tempo que mais rico em conteúdo. E de certa maneira pitoresco, muito ao gosto do leitor norte-americano. Daí o êxito que alcançou nos Estados Unidos.

Mas, a participação de Fletcher não se limitou ao conhecido livro. Vale a pena ler os capítulos que lhe dedicou o professor David Gueiros Vieira em seu livro **O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa** ( Universidade de Brasília, 1980 ). Fletcher tornou-se verdadeiro agente da aproximação cultural e material do Brasil com a nação norte-americana, obcecado pela idéia de "progresso", típica dos Estados Unidos da época, e que Fletcher, de maneira bastante simplista, atribuía ao protestantismo. Então, no seu raciocínio, a única maneira do Brasil progredir como os Estados Unidos era tornar-se protestante... É impressionante a maneira como Fletcher conseguiu penetrar nos meios culturais, econômicos e políticos do Brasil. Talvez tenha sido por este seu comportamento um tanto "mundano", que ele não foi muito bem visto pelos outros missionários presbiterianos, mais rígidos nas suas atitudes. Daí, diz o professor Gueiros, a injustiça e olvido que recaíram sobre seu nome. Mas o saldo de sua obra foi favorável, donde a oportunidade da homenagem que lhe foi prestada pelos novos pastores presbiterianos. ( 5-12-1984 ). — Obs.: esta nota foi transcrita em **Brasil Presbiteriano**, órgão oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, número de fevereiro do corrente ano.

\*

## 122. CÉSAR BIERRENBACH, PATRONO EM DUAS ACADEMIAS

Quando, há alguns anos, tive a honra de ser eleito para a Academia Paulista de Jornalismo, como primeiro titular da cadeira que me foi dado ocupar, surgiu-me o problema, de alta responsabilidade, da escolha de meu patrono. O assunto é mais sério do que parece. Os

acadêmicos passam e os patronos ficam. E é preciso que a escolha seja presidida por critérios tais, que o patrono seja também muito significativo para os que vierem depois. Acadêmicos existem, infelizmente, que em situações tais deixam-se levar apenas pelo lado emocional, amizade ou parentesco, de maneira que os patronos escolhidos podem significar muito para eles, mas nada dirão aos seus sucessores. Sei de muitos acadêmicos, e em diversas Academias, que, se pudessem mudar de patrono, bem que o fariam.

Sendo uma Academia de Jornalismo, obviamente o patrono deveria ser um jornalista; sendo uma Academia Paulista, a preferência deveria ser, claro, para um paulista, de nascimento ou de adoção; e no meu caso, acrescia ainda uma circunstância: sendo o único membro da Academia residente em Campinas, impus-me o dever de escolher alguém de Campinas ou aqui radicado. Pensei em numerosos jornalistas campineiros, todos dignos de figurar como patrono em qualquer Academia de Jornalismo que se fundasse no Brasil: o dr. Quirino, Benedito Otávio, Carlos Ferreira, Leopoldo Amaral, Hipólito da Silva, Álvaro Ribeiro, César Bierrenbach e tantos outros. Não foi fácil a escolha. Gastei horas e horas na mais cuidadosa reflexão, com medo de cometer injustiça com alguns dos grandes jornalistas campineiros do passado. Afinal, minha escolha recai — e não me arrependo — em César Bierrenbach.

Sempre vi em César Bierrenbach não apenas o jornalista e tribuno que deixou renome, mas igualmente o grande cultor da História, professor que foi dessa matéria em nosso tradicional Ginásio do Estado. Nessa qualidade, deixou páginas memoráveis, especialmente as que se referem ao panamericanismo, campo em que o grande campineiro pode ser considerado verdadeiro pioneiro, como ainda há pouco o demonstrou a professora Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci, em magnífico estudo publicado em o nº2 da “Revista da Academia Paulista de História”. E é com prazer que registro que a Academia Paulista de Jornalismo, iniciando em seu boletim os perfis dos patronos do sodalício, fê-lo com César Bierranbach, juntando, na mesma página, a biografia do acadêmico que o tem como patrono.

Quando da fundação de nossa Academia Campinerse de Letras, o acadêmico Herculano Gouveia Neto escolheu César Bierrenbach para patrono de sua cadeira, atualmente ocupada pelo acadêmico e professor Rosalvo Madeira Cardoso. Assim, com a minha escolha na Academia Paulista de Jornalismo, tornou-se o grande campineiro patrono em duas Academias. ( 5-9-1984 ).

## 123. IRINEU GUIMARÃES

Sei que o nome que tomo para título desta nota não vai dizer muito aos meus leitores. O que é pena, pois gostaria que os campineiros tivessem conhecido a grande figura de educador que foi Irineu Guimarães, falecido há poucos meses em Juiz de Fora. Não exageraria se dissesse que nele se configurava uma das mais completas figuras de educador que hei conhecido em toda minha vida. Nosso conhecimento remontava há mais de cinqüenta anos, ou seja, desde 1931, quando fui para Juiz de Fora a fim de estudar no Granbery, o famoso colégio metodista localizado na importante cidade mineira. Irineu não chegou a ser meu professor. Mas, mais que isso, foi meu mestre. O professor fala ao cérebro, o mestre fala ao coração, para repetir a bela frase que Teotônio Negrão proferiu — e que a todos encantou pela sua profundidade — quando, em setembro do ano passado, inaugurou-se o busto do grande educador nos jardins do Granbery.

Irineu como que estava à espera da sincera homenagem que seus amigos lhe prestaram, e na qual proferiu belíssimo discurso, tão rico de conteúdo, pois daí a menos de um mês agravou-se seu estado de saúde, vindo a falecer logo em seguida. Deixou uma das mais belas folhas de serviço à causa da educação, uma obra que ressaltou sempre aos olhos de quantos o conheceram, mesmo àqueles que não tiveram o privilégio de ser seus alunos. Pela sua filosofia de vida, pelos altos conceitos de educação e valorização da personalidade humana — a “Verdade” e a “Perfeição” — que soube praticar, exerceu profunda influência sobre todos quantos dele se aproximaram, quer no grande colégio de que foi professor, quer nas atividades sociais e humanitárias que soube desenvolver em Juiz de Fora e, posteriormente, ao aposentar-se, na pequenina cidade de Guarará, onde fundou e manteve o Instituto Dona Selva, extraordinária e benemérita realização, um orfanato que abriga quase uma centena de crianças ali criadas e educadas dentro dos mais sadios princípios cristãos. Obra que, permita Deus, não pereça com a morte de seu criador.

Orgulhei-me sempre de um excelente relacionamento com o grande mestre. Guardo em meu arquivo lindas cartas, ricas de conteúdo cristão, que ele freqüentemente me dirigia. E nas minhas regulares visitas a Juiz de Fora por ocasião do conagração dos antigos alunos do Granbery, era sempre com emoção que o abraçava. O Senhor o chamou após longa e abençoada existência. Que sua vida sirva de exemplo a quantos o conheceram e que alguém, um dia, possa sobre ele escrever para que o Brasil todo o conheça. 6-2-1985.

\*

\*

\*